



A excelente e oportuna intervenção do José Miranda na acção de formação que decorreu em Outubro na Carreira levou-me, uma vez mais a reflectir sobre, que intervenção devem os treinadores ter durante a condução do jogo nos escalões de minibásquete.

A proposta que o Comité Distrital de Minibásquete de Leiria está a levar à prática durante os seus convívios de jogos, é uma proposta arrojada, que deve ser bem compreendida e que nos leva à questão em saber, qual deve ser a verdadeira preocupação dos treinadores nos escalões do minibásquete: A TOMADA DE DECISÃO – A EXECUÇÃO – O RESULTADO.

Este ano na Festa do Minibásquete em Paços de Ferreira onde estarão as selecções mistas de Mini-12 vai ser curioso observar, em que aspecto do jogo, se concentram as preocupações dos treinadores presentes. Não há dúvidas que a aprendizagem do jogo passa pelo ensino da tomada de decisão, pela qualidade de execução e pelos resultados. Estas três questões estão naturalmente interligadas.

Para ilustrar o que acabámos de dizer observemos possíveis intervenções dos treinadores durante um jogo de minis, por exemplo, na fase crítica do lançamento.

Quando o treinador grita: “Até ao fim”, “lança” ou após um ressalto “para cima” está a querer intervir ou influenciar a TOMADA DE DECISÃO.

Se o treinador dá a indicação “lança equilibrado” ou “estica o braço” está preocupado em corrigir a EXECUÇÃO.

Quando após um cesto convertido, mesmo lançado de uma forma incorrecta e num momento não adequado o treinador elogia com um “boa” está preocupado com o RESULTADO.

Na minha longa experiência já assisti a alguns pais, não muitos, ou treinadores, excessivamente preocupados com o resultado e a fazerem estatística em jogos de minibásquete. Os dados estão lá, mas nestes escalões há que ter muito cuidado com a estatística. Esta, da forma como está organizada e é normalmente utilizada, e continuando no âmbito dos lançamentos, apenas nos informa onde e quantos lançamentos o praticante fez e desses quantos marcou. Não revela absolutamente nada sobre o momento e circunstâncias da selecção do lançamento, nem sobre a correcção da sua execução.

Debaixo da pressão do jogo, já pensaram que às vezes uma criança, mesmo em situação de lançar não lança com o receio de falhar e ter a reprovação dos companheiros da equipa. Se a este peso adicionarmos o peso da estatística, corremos os risco de no próximo jogo a mesma criança não falhar nenhum cesto, pela simples razão de nunca ter sequer tentado lançar ao cesto.

É nestes momentos que me vem à cabeça a frase do Prof. Teotónio de Lima, quando afirma: Se queremos que as crianças fiquem a gostar do jogo, têm de gozar de muitas e muitas oportunidades de ter a bola e de fazerem com ela aquilo que sabem fazer e experimentar coisas que ainda não dominam”